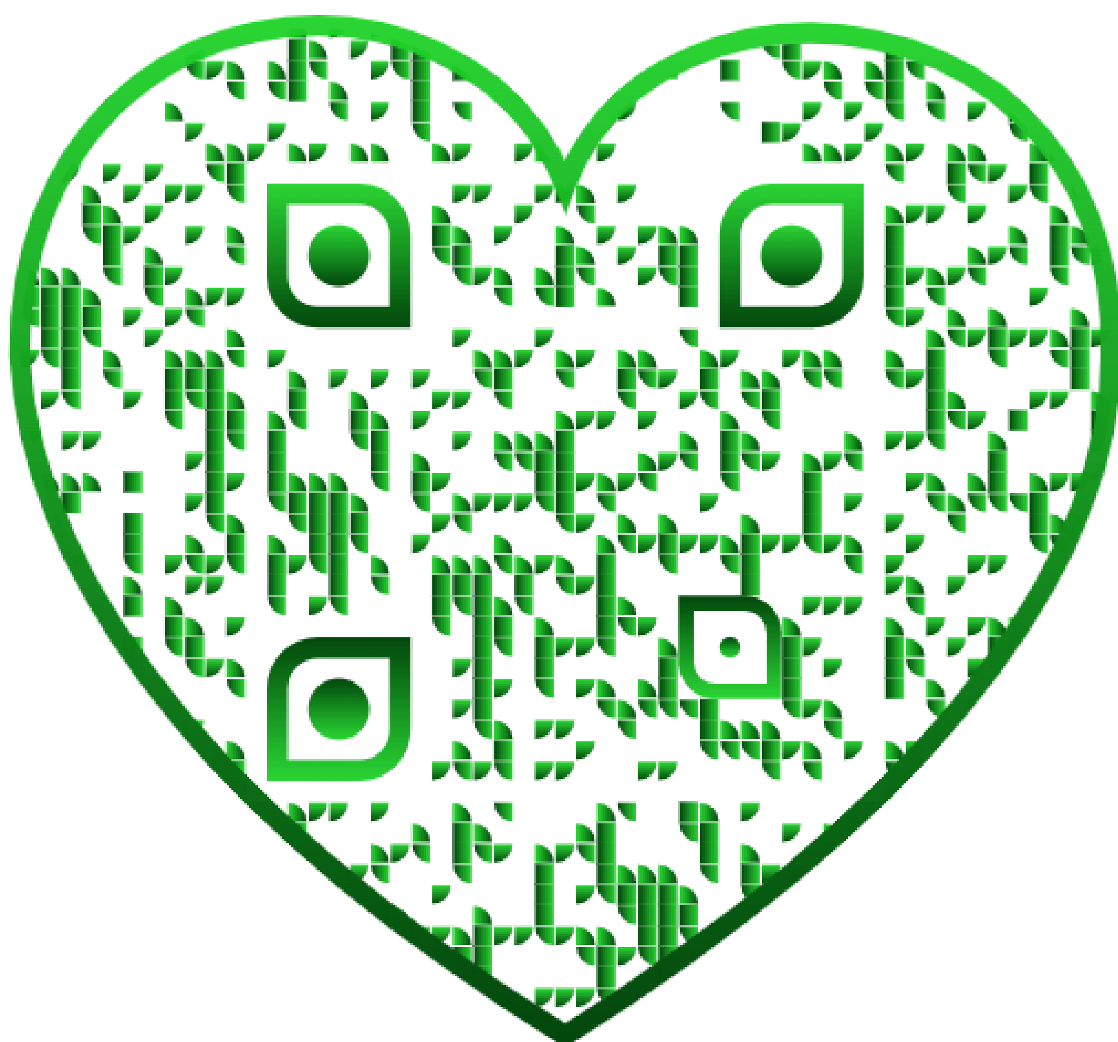
EXPRESSO ZAHAR



Um conto de fadas

A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS

Hans Christian Andersen



HANS CHRISTIAN ANDERSEN

A pequena vendedora de fósforos

Tradução:
Maria Luiza X. de A. Borges

SUMÁRIO

A pequena vendedora de fósforos

Fonte

A pequena vendedora de fósforos

FAZIA UM FRIO TERRÍVEL. A neve caía e dali a pouco ficaria escuro. Era o último dia do ano: véspera de ano-novo. Nas ruas frias, escuras, você poderia ver uma pobre menininha sem nada para lhe cobrir a cabeça, e descalça. Bem, é verdade que estava usando chinelos quando saiu de casa. Mas de que adiantavam? Eram chinelos enormes, que pertenciam à sua mãe, o que lhe dá uma ideia de como eram grandes. A menina os perdera ao atravessar correndo uma estrada no instante em que duas carruagens avançavam ruidosamente e numa velocidade apavorante. Não conseguiu achar um pé dos chinelos em lugar nenhum, e um menino fugiu com o outro, dizendo que um dia, quando tivesse filhos, poderia usá-lo como berço.

A menina caminhava com seus pezinhos descalços, que estavam rachados e ficando azuis de frio. Levava um molho de fósforos na mão e mais no avental. Não vendera nada o dia inteiro e ninguém lhe dera um níquel sequer. Pobre criaturinha, parecia a imagem da miséria a se arrastar, faminta e tiritando de frio. Flocos de neve se aninhavam em seu cabelo claro, comprido, que ondulava suavemente em volta do pescoço. Mas você pode ter certeza de que ela não estava pensando em sua aparência. Em cada janela, luzes reluziam e um delicioso cheiro de ganso assado se espalhava pelas ruas. Veja bem, era véspera de ano-novo. Era nisso que ela pensava.

Num canto entre duas casas, uma das quais se projetava sobre a rua, ela se agachou e se encolheu no frio, as pernas dobradas sob si. Mas isso só a fez sentir mais e mais frio. Não tinha coragem de voltar para casa, pois não vendera fósforo nenhum e não tinha um níquel para levar. Seu pai com certeza iria surrá-la, e depois era quase tão frio em casa quanto aqui. Só tinham o telhado para protegê-los, e o vento sibilava através dele, embora as fendas maiores tivessem sido vedadas com palha e trapos. O frio era tanto que as mãos da menina estavam quase dormentes. Ah! Talvez acender um fósforo ajudasse um pouco. Se pelo menos se atrevesse a tirar um do pacote e riscá-lo na parede, só para aquecer os dedos. Puxou um – rrrec! –, como ele espirrava enquanto queimava! Surgiu uma luz clara e tépida, como uma vela, quando pôs a mão sobre ele. Sim,

que luz estranha era aquela! A menina imaginou que estava sentada junto de uma grande estufa de ferro, com lustrosos puxadores de cobre e pés de latão. Que calor o fogo desprendia! No instante em que ia esticando os dedos dos pés para aquecê-los também – a chama apagou e a estufa desapareceu. Lá ficou ela, com o toco de um fósforo queimado na mão.


Arthur Rackham, 1932

Riscou outro fósforo contra a parede. explodiu em chamas, e a parede que inava ficou transparente como um véu. pôde ver direitinho dentro da sala, e, sobre uma mesa coberta com uma ha branca como a neve, estava posta porcelana delicada. Bem ali, podia-se um ganso assado fumegante, recheado maçãs e ameixas. E, o que foi ainda s espantoso, o ganso saltou do prato e gingando pelo piso, com uma faca de char e um garfo ainda espetados nas as. Rumou diretamente para a pobre ininha. Mas naquele instante o fósforo gou e só sobrou a parede úmida e fria te dela.

Acendeu um outro fósforo. Agora es va sentada sob uma árvore de Natal. ainda maior e mais bonita do que uma que vira no Natal passado através da porta de vidro da casa de um comerciante rico. Milhares de velas ardiam nos ramos verdes, e figuras coloridas, como as que já vira em vitrines, contemplavam aquilo tudo. A menina esticou ambas as mãos no ar… e o fósforo se apagou. As velas de Natal foram subindo, subindo, até que ela viu que eram estrelas cintilantes. Uma delas se transformou numa estrela cadente, deixando atrás de si uma risca de fogo coruscante.

“Alguém está morrendo”, pensou a menina, pois sua avó, a única pessoa que fora boa para ela e que agora estava morta, lhe contara que, quando a gente vê uma estrela cadente, é um sinal de que uma alma está subindo para Deus.

Riscou mais um fósforo contra a parede. Fez-se um clarão à sua volta, e bem ali, no centro dele, estava sua velha avó, parecendo radiante, e suave e amorosa. “Oh, vovó!” a menina exclamou. “Leve-me com você! Sei que vai desaparecer

quando o fósforo apagar – como aconteceu com a estufa quentinha, com o delicioso ganso assado e com a alta e bela árvore de Natal.” Mais que depressa ela acendeu todo o molho de fósforos, tal era o desejo de conservar sua avó exatamente ali onde estava. Os fósforos chamejaram com tanto vigor que de repente ficou mais claro que a clara luz do dia. Nunca sua avó parecera tão alta e bonita. Ela tomou a menina nos braços e juntas as duas voaram em esplendor e alegria, cada vez mais alto, acima da terra, para onde não há frio, nem fome, nem dor. Estavam com Deus.

Na madrugada seguinte, a menina jazia enroscada entre as duas casas, com as faces rosadas e um sorriso nos lábios. Morrera congelada na última noite do ano velho. O ano-novo despontou sobre o corpo congelado da menina, que ainda segurava fósforos na mão, um molho já usado. “Ela estava tentando se aquecer”, disseram as pessoas. Ninguém podia imaginar que coisas lindas ela vira e em que glória partira com sua velha avó para a felicidade do ano-novo.



FONTE

A PEQUENA VENDEDORA DE FÓSFOROS
H.C. Andersen, “Den lille Pige med Svovlstikkerne”, em *Nye Eventyr* (Copenhague: C.A. Reitzel, 1845)

Copyright desta edição © 2010: Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br
www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98) Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
Capa: Rafael Nobre

Edição digital: outubro 2012
ISBN: 978-85-378-1003-3

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**

EXPRESSO ZAHAR



Um conto de fadas

A PRINCESA E A ERVILHA

Hans Christian Andersen

A princesa e a ervilha

Andersen, Hans Christian 9788537810040
4 páginas Compre agora e leia

A tradução consagrada dos Clássicos Zahar

Essa é a história de um príncipe que viajou o mundo em busca de uma princesa de verdade, mas não a encontrou. Em um dia de tempestade, recebeu a visita de uma moça que se dizia princesa. Para ter certeza, a rainha escondeu uma ervilha embaixo de uma pilha de colchões, onde ela dormiria. Com sua pele extremamente sensível, a moça sentiu desconforto, e todos souberam que ela era uma princesa real.
O tom descontraído do texto redime traços que poderiam chocar valores modernos, como a insistência do príncipe em encontrar uma "verdadeira" princesa e a identificação de nobreza com sensibilidade. Em contrapartida, Andersen mostra uma heroína ativa e enérgica, que enfrenta desafios e aparece na porta de um príncipe cuja pista foi capaz de seguir.

Compre agora e leia

EXPRESSO ZAHAR



Um conto de fadas

CHAPEUZINHO VERMELHO

Charles Perrault

Chapeuzinho vermelho

Perrault, Charles 9788537809969
8 páginas Compre agora e leia

A tradução consagrada dos Clássicos Zahar

Esta versão de Charles Perrault é uma versão literária da história amplamente disseminada de diferentes formas pela cultura oral. Chapeuzinho tem esse apelido por causa de um lindo capuz vermelho que sua mãe lhe dera. A menina leva bolinhos para sua avó do outro lado da aldeia, quando encontra com um lobo que pergunta onde ela está indo. Ao contar ao lobo o seu caminho, Chapeuzinho define seu destino: o lobo se adianta em chegar à casa da avó e a devora. O lobo se disfarça de vovó e aguarda pela chegada de Chapeuzinho...

Compre agora e leia

EXPRESSO ZAHAR



Uma tragédia grega

ÉDIPO EM COLONO

Sófocles

Édipo em Colono

Sófocles 9788537809822
100 páginas Compre agora e leia

Consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

Os antecedentes do Édipo em Colono estão em grande parte no Édipo Rei. Depois de cegar-se perfurando os olhos ao descobrir a enormidade de sua desgraça, Édipo continuou a viver em Tebas, onde Etéocles e Polinices, seus filhos, disputavam o trono da cidade. Absorvidos por suas ambições, os dois mostraram-se insensíveis em relação ao imenso infortúnio do pai, que por causa disso os amaldiçoou. Revoltados, Etéocles e Polinices expulsaram Édipo de Tebas. Após perambular pela Grécia como mendigo, guiado por sua filha Antígona, Édipo chega afinal às imediações de um bosque em Colono, localidade próxima a Atenas, onde cumpre a profecia de ser tragado pela terra, segundo um oráculo.

Compre agora e leia

EXPRESSO ZAHAR



Uma tragédia grega

ÉDIPO REI

Sófocles

Édipo rei

Sófocles 9788537809815
86 páginas Compre agora e leia

A consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

Édipo, rei de Tebas, acredita ser filho do rei Pôlibo de Corinto e de sua rainha. Ele havia se tornado governante de Tebas depois de salvar a cidade desvendando o enigma da Esfinge que vinha devorando os tebanos, incapazes de decifrar os enigmas propostos pelo monstro. Como Laio, o rei de Tebas havia sido morto durante uma viagem, Édipo casa-se com a rainha viúva, Jocasta, e assume a coroa. Édipo havia deixado Corinto para sempre porque um oráculo profetizou que ele mataria seu próprio pai e se casaria com sua mãe. Na viagem de Corinto para Tebas, Édipo encontra um homem velho e cinco servos. Sem saber que se trata de Laio, seu verdadeiro pai, Édipo discute com ele e, num ataque de arrogância, mata o homem e seus servos. Por muitos anos Édipo governa Tebas como um grande e valente rei. Até que uma peste começa a dizimar os habitantes da cidade e Édipo ordena uma consulta ao oráculo Tirésias. Tirésias lhe revela então que todo infortúnio que se abate sobre a cidade é causado por ele próprio, por ter assassinado o pai e casado com a própria mãe.

Compre agora e leia

EXPRESSO ZAHAR



Uma tragédia grega

ELECTRA

Sófocles

Electra

Sófocles 9788537809884
80 páginas Compre agora e leia

A consagrada tradução do especialista em grego, Mário da Gama Kury

O enredo dessa tragédia segue Orestes em seu retorno a Micenas para matar a mãe, Clitemnestra e seu amante Egisto como vingança pelo assassinato de seu pai, Agamêmnon. Na peça, entretanto, o foco principal é a irmã de Orestes, Electra e sua angustiada participação nos planos do irmão. Para conseguir entrar no palácio e poder executar sua vingança Orestes espalha a falsa notícia de sua morte. Acreditando no boato que ouve, Electra tenta, sem suceso, aliciar a irmã Crisôtemis para assassinar a mãe. Numa cena dramática, Orestes chega disfarçado e entrega a Electra a urna que deveria conter suas próprias cinzas. Movido pela demonstração de pesar da irmã, Orestes revela sua verdadeira identidade a Electra e mata, sem piedade, sua mãe e o amante dela.

Compre agora e leia